

ALARCÃO, JORGE DE (2023)

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-10_19

Memórias de Coimbra.

Coimbra: Lápis de Memórias, 240 p.

ISBN 978-989-8674-49-4

Conhecendo o autor, catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de pronto se pensará: um livro de memórias! Assim se terá oportunidade de saber como reagiu o docente e o cidadão perante as convulsões por que passou Coimbra e, de modo especial, a sua Universidade, desde meados do século XX até aos primeiros anos do século XXI. Um docente que, aliás, não enjeitou cargos administrativos na sua Escola e também foi vereador da Cultura no seu Município.

Desengane-se o leitor: “memórias”, aqui, são páginas de história disseminadas ao longo do tempo. Do tempo do autor, sim, como é natural, mas, sobretudo, do tempo da cidade, desde a romana *Aeminium* até à 2ª metade do século XIX. 52 capítulos, que raramente ultrapassam as quatro páginas. O mais longo, de oito páginas, é o que conta a história do Mosteiro de Santa Cruz no século XII, tema intrincado a merecer, de facto, explanação maior, porque o autor procura destrinçar a morfologia arquitetónica do edifício naquela época e, de modo específico, o seu enquadramento nos arruamentos citadinos de então.

Há capítulos de leitura menos fácil para quem, por exemplo, não se interesse muito por genealogias e subidas ao trono, como é o caso do que trata dos condes de Coimbra desde 878 a 987. Um período obscuro – e o autor procura desembaraçar a meada dessa época em que, antes dos condes, houve árabes a pelejar pela posse da cidade. A análise toponímica serve, de quando em quando, para esgrimir razões e nunca é descabido o recurso às hagiografias: “Diz-se na *Vida de S. Rosendo*, que, estando Guterre Mendes em Coimbra, sua mulher Ilduara Reriz, que residia em *Sala*, teve, num sonho, anúncio de que brevemente teria um filho” (p. 15).

O que de mais notável haverá nesta obra, como facilmente se percebe, ao saber de tantos capítulos, é a multiplicidade de temas que nela são abordados, satisfazendo, assim, a curiosidade a muita gente em assuntos que, habitualmente, não são abordados numa história da cidade, onde a evolução sociopolítica e administrativa ocupa, em geral, lugar cimeiro. Sim, há as histórias das igrejas, dos mosteiros e conventos, quem foram as abadessas ilustres e que papel desempenharam (D. Constança Sanches, “uma das Donas de S. João de Santa Cruz”). Mas...

... por exemplo, gosta de tauromaquia? Tem ideia se, na cidade do Mondego, alguma vez se correram toiros? Aí temos um capítulo a contar o que sobre corridas de touros se sabe dos séculos XV e XVI. Assim, “em 1525, um tal João Luís celebrou contrato com a Câmara para montar e desmontar os tapumes do *corro dos touros* sempre que para isso fosse requerido”; e essa informação, que se colhera num documento dado a conhecer por Aires de Campos em 1869, acabou por ser completada pelo documento referido por Jorge de Alarcão em 2022: “Esses tapumes, bem como as bancadas, seriam em 1532 guardados numa dependência junto da *casa de ver o peso*” (p. 96). Uma praça desmontável, a usar sempre que necessário, mas a provar que, séculos afora, touradas houve em plena área urbana.

E que seria a *casa de ver o peso*? Designação curiosa, de que há outros registos. Por exemplo, em Belém do Pará, no âmbito do regime de capitánias, no século XVIII: “A mesa fiscal, onde eram pagos os impostos dos géneros trazidos para a sede das capitánias”. O antecedente, portanto, dos atuais serviços de aferição camarárias, ainda que hoje exclusivamente para instrumentos e outrora de fiscalização mais generalizada.

O rol do índice dá uma ideia de quanta curiosidade neste volume se poderá, pois, satisfazer, desde a temática histórica na sua densidade documental a pormenores porventura passados despercebidos noutras “memórias” coimbrãs. Citem-se, para aguçar a curiosidade: “S. Paio e o milagre da fundição do sino do convento de S. Domingos” (p. 66-68); “Uma tromba de água em Coimbra em 1411” (p. 94-95); “A passagem por Coimbra de D. Catarina, viúva de Carlos II de Inglaterra” (p. 171-172).

O autor, já se percebeu, lançou mão a quanto foi encontrando ao longo da sua viagem pela história da sua cidade. Tudo foi juntando e anotando. Veja-se a análise de um poema de Inácio de Moraes, publicado em 1554, com o título (latino, como era ‘de lei’), *Conimbricæ Encomium*, numa altura em que, portanto, se desconhecia que Coimbra se não deveria chamar *Conimbriga*. Pois Inácio de Moraes relata, a dado passo, que, do outro lado da Torre de Almedina, “levanta-se a alta casa de Filipe”. E Jorge de Alarcão apressou-se a anotar: “O Filipe a que Inácio de Moraes se refere era D. Filipe de Sousa”, acrescentando: “O pouco que resta da sua casa pode ver-se no espaço da Escola de Almedina” (p. 155).

A “gravura de Bráunio” carecia, naturalmente, de referência especial (p. 149-152), na medida em que também Coimbra foi desenhada por Georg Braun, no volume V (1597) do seu monumental trabalho *Civitates Orbis Terrarum*, desenho aqui reproduzido na fig. 18. Poderia, por consequência, pensar-se que, “de tantas vezes que tem sido reproduzida”, nada mais haveria a comentar acerca dela. Puro engano. Jorge de Alarcão atenta nos mais ínfimos pormenores e explica-os, retomando aqui também observações que já fizera em publicações anteriores: “Atravessando o tramo da couraça mais próximo do rio desenha um caminho: corresponde à actual rua da Alegria”. E, adiantando, desde logo, uma possível objecção, esclarece: “Pode parecer-nos estranho que o caminho se represente tão próximo do Mondego. Devemos ter em atenção que, no séc. XVI, o curso do rio era diferente: a sua margem direita coincidia com a actual avenida de Emídio Navarro” (p. 150).

Bastarão, decerto, estes fugazes respigos para aquilatar da importância deste volume. Há, porém, um outro aspeto de não menor merecimento, que fica a dever-se, sob orientação do autor, à sapiente interpretação gráfica do Dr. José Luís Madeira: as ilustrações, em papel couché e a cores, inseridas entre as páginas 96 e 129. Fotografias, reconstituições de monumentos, mapas, reproduções antigas... Voltemos, a esse propósito, à referida gravura de Bráunio: na fig. 19, pega-se em dois pormenores dela e graciosamente se reconstitui o que aí viria a edificar-se depois. Genial! Vale a pena perscrutar com olhos de ver – como foram os de quem esses dados agora nos proporciona.

Jorge de Alarcão começa o prefácio com este parágrafo:

As muitas páginas que, no final deste volume, registam a bibliografia de que nos servimos podem levar a supor que o livro é obra académica ou erudita. Não. É um livro sobretudo para entretenimento dos leitores que, não sendo historiadores, gostam de saber algo sobre a história da cidade de Coimbra.

Já disso se dera a entender nas linhas anteriores – que é obra para se ler e reler, um capítulo agora, outro amanhã. Não se acredite, porém, que essa declaração do autor (não ser “obra académica ou erudita”) se deva entender à letra, porque tudo se encontra bem documentado, as questões apresentadas, as dúvidas levantadas. E tudo num estilo em que os aborrecidos dados concretos (as datas, os nomes...) surgem numa sequência de mui agradável leitura.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

jde@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>